

Sarney evita negociar a reaproximação com Collor

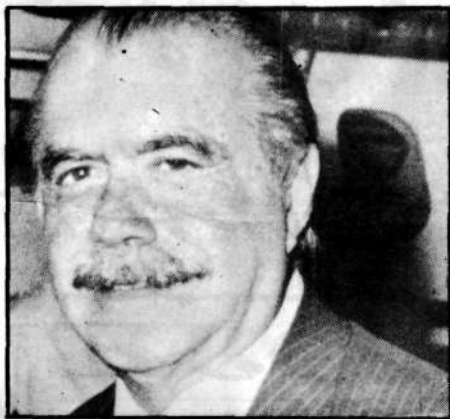
São Luís — Com a desculpa de não estar lendo jornais nos últimos dias, o ex-presidente e senador eleito pelo PMDB do Amapá, José Sarney, esquivou-se ontem de comentar a tentativa de aproximação do presidente Collor com ele. Sarney encontra-se, desde o dia 23, na ilha de Curupu, acompanhado apenas de dona Marly, do responsável pela sua segurança pessoal e de alguns pescadores e vaqueiros que cuidam de poucas rezes que a família Sarney mantém na ilha, de sua propriedade, distante 40 minutos de lancha, na baía de São José de Ribamar.

“Não tenho lido os jornais de fora. Aqui, fico meio isolado, acompanhando o noticiário apenas pela televisão” — desculpou-se o senador eleito, ao ser solicitado a comentar as notícias sobre a tentativa do presidente Collor, de patrocinar uma aproximação com seu antecessor, em nível de Congresso Nacional.

Sarney classificou o tema como “muito delicado” para falar sobre o que não leu nas declarações do deputado Ricardo Fiúza, líder do PFL, em entrevista na semana passada.

O ex-presidente disse que está aproveitando a tranquilidade da ilha de Curupu para atualizar a leitura de seus autores preferidos e dar prosseguimento à redação do livro de memórias que pretende publicar em fevereiro.

O livro trata da vida do autor, desde sua infância na cidade de Pinheiro,



Sarney: sem notícias

onde nasceu em 1930, até o dia em que recebeu a comunicação de que devia se preparar para assumir a Presidência da República, em 15 de março de 1985.

Sarney afirmou que várias editoras já manifestaram o desejo de publicar o primeiro volume, que está concluindo. O segundo trata do período que passou na Presidência da República e do seu retorno à política como senador do Amapá, depois de ter o PMDB maranhense lhe negado legenda para concorrer pelo estado. Logo no começo de janeiro, Sarney retorna à capital federal para preparar o seu retorno ao Senado, onde chegou em 1971 e só saiu para tomar posse no cargo de Presidente.